

A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

EDUCAÇÃO E CARÁTER EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Karina Donizete Martins¹

Rafael Bueno da Silva²

Patrick Alves³

RESUMO

A educação integral é fundamental para a formação de pessoas sábias e uma sociedade mais culta. Os educadores são personagens importantes para a capacitação das futuras gerações, mas Tomás de Aquino ensina-nos que o protagonista desta história da humanidade é o educando: sujeito ativo da educação, livre e dotado de vontade própria. Tomás de Aquino acentua a ideia de que a pessoa possui um caráter que deve ser todo moldado pela educação para a busca da felicidade suprema, a beatitude, desafio este enfrentado hoje pelos educadores que lidam com a rápida mudança de inversão de valores e costumes. Conhecer profundamente o homem e as suas dimensões para melhor ajudá-lo a se encontrar, saber o fim último, o processo de aprendizado para formar o caráter, é o objeto principal com que o leitor irá se deparar ao ler este trabalho na perspectiva de Tomás de Aquino.

Palavras-chave: Tomás de Aquino; Educação; Caráter; Pedagogia; Felicidade Suprema

INTRODUÇÃO

Expressões comuns da língua portuguesa referentes ao caráter são, por exemplo: “João tem caráter”; “Lilian tem mau caráter”, ou “falta de caráter”. Este trabalho, preocupado em saber o modo em que se dá a construção da moral do homem, visa a esclarecer o que é o caráter e como se dá sua formação, segundo Santo Tomás de Aquino. Na *Suma Teológica* Tomás escreve: “Deve-se dizer que o caráter distingue uma pessoa de outra levando em consideração a finalidade a que está orientado⁴”. Sendo o educando o principal agente de seus fins, é ele o responsável por ordenar suas experiências e formar seus princípios morais, mas cabe ao educador estimular e corrigir, para que o educando encontre o correto sentido da vida. “Aprender é, pois, construir o caráter e ensinar é arquiteta-lo ou dirigir-lhe a construção⁵”.

¹ Doutoranda em educação e Mestre em educação pela UNISAL.

² Mestrando em Educação, graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

³ Graduando em Teologia e graduado em Filosofia pela Faculdade Dehoniana

⁴ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, q.63, a.3

⁵ MAYER; FITZPATRICK, 1936, p.216.

Tomás de Aquino compara o professor ao médico. O professor tem o potencial de ajudar o aluno, como o médico tem de curar o enfermo. Mas, por mais que o doente esteja necessitado de um médico, pode recusar o tratamento, assim tornando-se moralmente responsável pelas consequências da recusa⁶. Por mais que o doente ou aluno precise da ajuda de um profissional, é dele que parte a vontade, e o trabalho principal para o fim desejado. E é assim também na construção do caráter. Parte da liberdade de cada pessoa querer aperfeiçoá-lo.

Saber os fins que as pessoas suspiram é um mistério, este exemplo serve para mostrar-nos que parte da liberdade de cada um. Os fins justificam o caráter como Tomás explica: “O caráter é propriamente um sinete com que alguém é marcado para que se oriente a determinado fim: assim o denário é marcado com um caráter para ser usado no comércio, e os soldados são marcados com um caráter por serem incumbidos do serviço militar⁷”.

A influência dos pais, professores, desenhos, modelos elevados de virtude (ex: Jesus Cristo), que o educando tiver para si, operará na sua imaginação durante o processo de formação da representação da sua personalidade. Importante será o processo de reflexão, pois ele será o grande filtro que construirá a imagem e as virtudes que cada um julgará e almejará ter. Se a representação for tal, que a criança não consiga corresponder com o seu fim, terá dificuldade, ou não conseguirá elaborar um princípio moral, pois ficará sem uma referência exemplar real, concreta. “Tal é, pois, o processo de arquitetura do caráter: é a evolução que se opera por meio da contemplação pessoal dos princípios de ação, que tornam planos de integração dos elementos do caráter – isto é, dos hábitos intelectuais⁸”.

É no dia-a-dia (vida ativa) que se “moldará” o caráter da criança, mas o objetivo da vida ativa não é por si só ser a decorrência dos atos em torno das experiências felizes e tristes. O objetivo da vida ativa é formar os hábitos morais (potência apetitiva) e intelectuais (intelecto especulativo e prático). Hábitos estes que farão parte da vida e darão rumo à consciência do educando, construindo o seu caráter (o fim que ela deseja), com o auxílio do educador que, consciente do seu papel educacional, desenvolverá uma educação na liberdade – formando o homem sábio, que

⁶Ibidem p.202

⁷ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, q.63, a. 3.

⁸ MAYER, FITZPATRICK, 1936, p.221.

para Tomás de Aquino se constitui na educação integral fundida na harmonia do cientista com o artista, o filósofo e o santo.

Este Homem sábio não visa como fim último a intelectualidade por si mesma, mas a Verdade do Sumo Bem, que o molda e o faz ser o mais semelhante possível a Deus. Pois diz Tomás na *Suma Teológica*: “Assim, nenhum homem é considerado absolutamente bom por ser sábio ou artífice, senão só relativamente, como bom gramático, ou bom ferreiro; e por isto frequentemente a ciência e a arte se opõem à virtude, e às vezes se consideram virtudes...⁹”.

Tomás, em sua teoria do conhecimento ensina-nos que o conhecimento inicia-se pelos sentidos, e não será diferente com a construção do caráter, que para Santo Tomás é a educação da razão e do corpo.

Trataremos, também nesse trabalho, de como acontece o processo da formação do caráter que tem por fim guiar pela vontade nossos atos ao bem que nos convém. Três são os temas centrais: o intelecto, a vontade e as paixões. Sendo o caráter uma vontade determinada a um fim, justifica-se por si só a importância de saber o processo da construção do apetite. Todavia é necessário perguntar-se: a felicidade que o educador visa oferecer ao educando parte de um ato de vontade do próprio educando? Tomás dir-nos-ia, não, mas que a felicidade suprema consiste num ato antes do conhecimento do que no da vontade, justificando assim a parte que trata sobre o processo de construção do conhecimento, no qual se faz importante ao educador saber para guiar seu aluno a plena felicidade.

(...) Sendo a felicidade um bem próprio da natureza intelectual, é necessário que lhe convenha segundo o que lhe é próprio... Assim, os que carecem absolutamente de conhecimento possuem apenas o apetite natural; os que possuem conhecimento sensitivo possuem também o apetite sensitivo, o qual contém o irascível e o concupiscível; e a aqueles que possuem o conhecimento intelectual possuem o apetite adequado a esse conhecimento, a saber, a vontade... o objeto da vontade é naturalmente anterior ao seu ato... Ora, aquilo que se deseja em primeiro lugar é o fim último que é a felicidade. Portanto é impossível que a bem-aventurança ou felicidade consista no ato da vontade... É o entendimento que verifica se o objeto proposto como sumo bem na verdade o é ou não. Portanto deve-se concluir que a essência da bem-aventurança ou felicidade consiste antes no ato do entendimento do que no da vontade... Ora, esta operação é o ato de entender, pois não podemos desejar o que não entendemos. Logo a perfeita felicidade do homem consiste

⁹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, q.56, a.3.

substancialmente em conhecer a Deus pelo entendimento e não em amá-lo¹⁰.

PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Para compreendermos o processo da construção do caráter é necessário relembrar conceitos sobre o homem. Elementos importantes são: o corpo e a alma. Ao corpo, cabe sabermos que é a substância material do homem enquanto tal, que existe em vista das ações da alma. Enquanto a alma é espiritual, ela é aquilo que nos dá vida ao corpo (anima) e entendimento (animus).

No entanto há dois tipos de conhecimento: o alcançado pelo corpo (*conhecimento sensível*), no qual apreendemos a forma concreta das coisas em conceitos particulares: este carro, esta mulher, este livro. E o alcançado pela alma, pela razão (*conhecimento intelectual*), que apreende a forma abstrata das coisas em conceitos universais: justiça, belo, bom, verdade, ideia de carro, ideia de mulher, ideia de livro¹¹.

O primeiro ponto é definirmos em geral o que são: as classes, faculdades, gêneros de potência e funções da alma. Pois diz São Tomás: “Cinco são os gêneros das potências da alma... mas as almas são três, e os modos de viver, quatro¹²”.

Três são as classes: vegetativa, sensitiva e intelectual. Quatro são as faculdades: nutrição (apetite), sensação (percepção), locomoção e pensamento. Cinco são os gêneros da potência que se distinguem pelos objetos. E cada potência possui suas funções diversas para chegar ao objeto.

Há uma potência que têm por objeto o corpo somente, unido à alma. E este gênero de potências se chama *vegetativo*, pois a potência vegetativa só pode agir no corpo unido à alma [...] o *sensitivo*, relativo ao objeto menos comum, que é o corpo sensível; e o *intelectivo*, relativo ao objeto comuníssimo, que é o ente universal. – De outro modo, porém, enquanto a alma mesma se inclina e tende para a coisa exterior. E ainda, a esta luz, há dois gêneros de potências: o *apetitivo*, pelo qual a alma está para a coisa extrínseca como fim, que é primeiro na intenção, e outro, o *locomotivo*, enquanto a alma, está para a coisa exterior como para o termo da operação e do movimento, assim, todo animal se move para conseguir a coisa desejada intencionada¹³.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os gentios*, L. III, c.26 apud COSTA, 1993, p 117, 118 e 119.

¹¹ *Ibidem*. p. 50.

¹² TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, q.78, a.1.

¹³ *Ibidem*

Devemos considerar as potências da alma em especial, que nos ajudam a construir o caráter humano. Cabe investigarmos aquelas potências que são fatores importantes para a formação da virtude. A potência vegetativa embora seja vital não é determinante para nossa pesquisa, pois os atos e hábitos da alma donde derivam as virtudes são pertencentes à potência intelectual e sensitiva.

Conhecimento sensitivo

O Homem é dotado de duas classes de sentidos: internos e externos. Qualquer conhecimento, tanto sensitivo, quanto intelectual, perpassará primeiro pelos sentidos externos que são cinco: tato, paladar, olfato, audição e visão. Pelos sentidos conhecemos o que é singular, e pelo intelecto alcançamos o conceito universal da coisa, a ciência completa.

Os sentidos externos são passivos, prontos para agir com o mundo externo, e registrar nos sentidos internos, substratos para o intelecto. São três os objetos dos sentidos externos que farão a ligação para os sentidos internos: *sensível próprio*, *sentido comum*, e os *sensíveis por acidente*.

Sensível próprio é quando uma coisa é percebida pelo seu sentido correspondente, por exemplo, a cor pela visão, um som pela audição, um cheiro pelo olfato, um abraço pelo tato, um gosto pelo paladar. Cada sentido corporal com o seu objeto em particular capta tal fenômeno para o sentido interno, criando assim um sentido próprio do objeto. A essência do conhecimento é imaterial, quanto mais imaterial algo for conhecido, mais perfeito será o conhecimento. De tal modo que a visão seria o sentido mais perfeito, pois não necessita de um contato sensorial tão intenso quanto os outros sentidos, como diz São Tomás: “O sentido da visão, porém, que não precisa de nenhuma mutação natural do órgão e do objeto é, dentre todos os sentidos, o mais espiritual, perfeito e comum; em seguida, vem o sentido da audição, e depois, o olfato, que sofrem mutação natural por parte do objeto... Sendo o tato e o gosto os sentidos mais materiais...¹⁴”.

Por *sentido comum* compreende quando dois ou mais sentidos externos são afetados por um único objeto. Um exemplo é quando vemos (visão) um objeto sobre a mesa e pegamos (tato), e pela cor, textura, peso, tamanho, podemos definir que se trata

¹⁴ Ibidem q.78, a. 3.

de uma pêra. Possibilitando-nos comê-la (paladar). Já que nenhum órgão possui a capacidade de congrega num mesmo objeto vários elementos, como o verde da pêra ser maduro, doce, ou de plástico, cabe a este sentido interno fazer tais associações (o branco do açúcar ser doce, e o branco do sal ser salgado). Para Tomás de Aquino “as coisas sensíveis comuns se reduzem à quantidade¹⁵”. O sentido comum é a ponte que liga os sentidos externos com os internos. Pois cabe a esta função receber as informações que eram materiais e convertê-las em imateriais de modo mais refinado do que o sentido próprio, catalogando assim o que passa pelos sentidos externos, segundo as suas afinidades e diferenças. O senso comum permite ao homem a percepção unificada proveniente da diversidade de sensações. E os *sensíveis por acidentes*, como o nome diz, são as experiências sensíveis que são feitas de modo sem intenção, por isso, experiências não compromissadas em formular conceitos, conhecimento.

Os sentidos internos são quatro: Sentido comum, imaginação, cogitativa, e memória sensitiva. Tomás define conhecimento em geral, como o ato pelo qual o objeto conhecido se encontra no sujeito, sem o sujeito agregar algo de material a si, e sem deixar de ser ele mesmo e isso se dá mediante os fantasmas ou imagens que são os objetos (pêra, casa, homem) abstraídos do sentido próprio pela faculdade da percepção. A importância dos fantasmas para o processo de aprendizagem pode ser notada quando Tomás escreve que os fantasmas são o “tesouro das formas recebidas pelos sentidos¹⁶”. O processo de apreensão, conhecimento, juízo, razão e formação do caráter tem como matéria prima os fantasmas, pois como o sentido não pode sentir sem um objeto sensível, a alma não pode entender sem os fantasmas.

Vê-se aqui a importância de dar exemplos para as crianças, ou quando falamos de algo muito abstrato. Suscitar fantasmas na mente para explicar facilita o entendimento de quem apreende. Criar fantasmas estimula a criatividade.

Quanto à natureza desta imagem, deve-se ter em conta que ela é uma representação mental de uma realidade extra-mental ou material. Não é, pois, a própria materialidade da coisa particular, [...] mas sua representação. Esta é a base da abstração do intelecto, cujo efeito é a produção de um conceito, que é uma representação mental depurada de qualquer limitação ou condicionamento sensível inerente à imagem. Igualmente a imaginação é importante para a gênese da ação moral, seja ela boa ou má. De fato, a gênese do pecado pessoal depende da manipulação da imaginação pela sugestão demoníaca,

¹⁵Ibidem q. 78, a. 2.

¹⁶ Ibidem q. 78, a. 4.

como causa externa, e da deliberada provocação humana, como causa interna. A imaginação não é em si mesma nem boa nem má, exceto se sua formação advém de imagem de objeto que representa na realidade mesma algo bom ou mau, como por exemplo, a imagem que pode ser formada de objeto moralmente mau, como aqueles que são produzidos para facilitar o vício, a falsidade, o dolo, o engano, a ignorância e a malícia. Para além da objetividade da imagem que pode ser boa ou má, o recurso às imagens pode também ser bom ou mau, não por causa do objeto em si, mas por causa da intenção humana. Nesta perspectiva, uma imagem adveniente de um objeto bom pode ser utilizada intencionalmente para o mau. Por isso, o ato de imaginar não constitui nenhum pecado. É antes algo natural ao homem. Mas o que e para que se imagina pode constituir, atrelado à intencionalidade, uma ação moral boa ou má. Pensar não é imaginar, embora a imagem possa formar parte do conteúdo do pensamento¹⁷.

O sentido que atribuirá juízo de valor aos objetos externos percebidos, se algumas imagens são benéficas ou maléficas é a cogitativa. Tal sentido apreenderá valor aos sentidos próprios e fará a relação com os outros sentidos. Ver o fogo, não queima, mas cabe à cogitativa fazer a relação de que embora o fogo queime, é ao tato que se deve remeter. A memória pela qual se armazenam as percepções sensitivas passadas me dirá que tal experiência causa dor, queimadura, e por isso é uma ação maléfica tocar no fogo.

A ovelha ao ver o lobo julga que é mal e corre, ou o pinguim macho que se junta aos outros machos para aquecer-se e aguentar o frio antártico para chocar os ovos, é neste estágio que reside um modo de instinto sensível apreensível. Quando o animal se depara com a imagem do seu dono é capaz de atribuir a ele um significado de bem e um comportamento diferente se fosse com uma pessoa estranha. É nesta perspectiva que a cogitativa é o grau máximo da potência sensitiva, e sua atividade assemelha-se à potência intelectual, todavia é a de menor grau no discurso racional.

A memória sensível é indissociável dos demais sentidos internos, embora haja uma predominância de sua relação com a cogitativa. Mas de um modo geral, se a imaginação retém as imagens, a memória as conserva e recorda, o senso comum as relaciona e a cogitativa as julga face à de utilidade, malefício e benefício. Concluindo, dizemos que pelo senso comum a potência sensitiva opera uma espécie de discernimento e de síntese entre as sensações. A imaginação retém as imagens sensíveis de cada coisa particular. A cogitativa percebe naquilo que os sentidos lhe mostram o útil, conveniente, utilizável, adequado, agradável, uma espécie de juízo particular¹⁸.

¹⁷ Disponível em: http://www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Estudos/06/Estudo%203-Faitanin.pdf.

Acesso em: 03/09/2013

¹⁸ Ibidem

Conhecimento Intelectivo (*Intellectus*)

Quando Tomás de Aquino designa o conceito de alma espiritual no homem, utiliza o termo “*mens*”. Quando se refere aos espíritos puros (anjos) conceitua com a terminologia “*totaliter mens*”. O vocábulo “*intellectus*”, utilizado também por Tomás, está geralmente circunscrito como uma função da *mens* ou aplicado no mesmo sentido de “*mens*”. Neste quarto capítulo concentrar-nos-emos na construção desta “*mens*” enquanto potência da alma. O “*intellectus*”, enquanto uma potência entre várias da “*mens*”, será o objeto desta parte, para assim permitir adentrarmos no estudo das nossas potências. Para entender o *intellectus* precisamos da faculdade que prepara os fantasmas para estes se tornarem inteligíveis em ato; essas faculdades são a cognitiva e a memória.

Aquino se refere a duas memórias: sensitiva e intelectual¹⁹. A memória sensitiva envolve as habilidades motoras e reside no corpo, por isso pode ser esquecida, ou precisa ser sempre lembrada para não esquecer. A memória intelectual é própria da alma do ser humano, não reside nos órgãos, seu conteúdo é imaterial.

Para entender a potência intelectual (*mens*) em sua integridade faz-se necessário perpassarmos no seu preâmbulo, o intelecto (*intellectus*), que não consiste na potência intelectual em si (*mens*), mas em uma de suas várias funções. O *intellectus* enquanto uma das funções da *mens* tem como fim o conhecimento intelectual. O conhecimento intelectual começa com a experiência sensível, que é presente não apenas na alma, como pensava Agostinho, mas em todo homem, alma e corpo: *sentire autem non est sine corpore*²⁰.

O conhecimento intelectual está para o universal, tanto quanto o fantasma para as imagens particulares. Por exemplo, existem inúmeros modelos de carro e para cada carro abstraímos um fantasma, mas será a junção de todos, que elaborará o conceito universal de carro, que permitirá com que ao ver um automóvel, de quatro rodas, conceituemos aquele objeto como carro e não um barco ou avião, ou de que exista apenas um modelo único de carro, e o resto não seja carro. Tomás explica: “Entre o fantasma e o conceito universal tem um salto qualitativo. Porque o fantasma é

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q. 79, a. 6, c.

²⁰ Ibidem, q. 76, a.1.

ainda individual e material, e pode ser pensado como um produto de um sujeito cognitivo corpóreo. O conceito em vez, exprime não aquele objeto, mas, em geral, que coisa é um objeto, não pode ser expresso por um sujeito corpóreo, mas exige uma faculdade cognitiva espiritual: o intelecto²¹”.

Tomás aponta dois processos para que se construa a partir disto o conhecimento, propriamente dito, por duas funções do *intellectum*: o intelecto agente e o intelecto passivo. Após a memória sensitiva, é necessário preparar os fantasmas para estes se tornarem inteligíveis em ato.

O intelecto agente possui duas funções: extrair dos fantasmas um conceito universal que está em potência, e atualizá-la posteriormente em ato no intelecto passivo (espécie impressa). O intelecto passivo, ou possível apenas recebe as informações do intelecto agente em forma de inteligíveis em ato, armazenando-os (sinônimo de memória intelectiva), pois segundo Tomás é da essência do intelecto passivo conservar, bem como receber (espécie expressa). Por onde é claro, que a memória intelectiva não é potência diferente do intelecto passivo²², mas é uma coisa só, consistindo assim o final do processo da construção do conhecimento.

PROCESSO DA FACULDADE INTELECTIVA

De um lado, o intelecto ou a inteligência tem por objeto próprio os primeiros princípios, visados e atingidos em uma percepção imediata; ao passo que a razão é discursiva, recorrendo a um processo de raciocínio ou de argumentação, tendo finalmente como objeto uma conclusão, aceita por uma evidência que lhe advém dos princípios do intelecto. Em todos esses planos, as distinções formais são compensadas pela afirmação da interação do processo do conhecimento e do processo da vontade: a vontade “move” o conhecimento, e o conhecimento ilumina e “guia” a vontade²³.

Mens

Não basta ao Homem saber as coisas, mas é necessário saber as coisas certas, para desejar as coisas corretas e viver na verdade. A *mens* é a mais nobre potência da alma, (mas não é a própria natureza da alma²⁴), pois ordenada ao inteligível

²¹ Ibidem, q. 84, a.6.

²² Ibidem, q.79, a.7.

²³ JOSAPHAT, 2012, p.319.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q.79, a.1, c

deve buscar como objeto a verdade. Constrói-se, assim, uma pedagogia atenta às vontades e à ciência, cuja interação e evolução harmoniosa convergem para uma plena unidade da pessoa humana²⁵.

Três processos conjuntos acontecem para a formação do caráter, que por ordem metodológica iniciaremos explicando: primeiro, o processo do conhecimento verdadeiro. Segundo, a vontade e a liberdade. Terceiro, os desejos. Os dois primeiros processos estão na realidade intelectual, enquanto a última está na realidade sensitiva.

O objeto próprio do conhecimento intelectual é o ente. O ente é participação presente do Ser. Os entes são as coisas que estão sendo. Entre o Ser e o ente há um abismo. O Ser está para a essência das coisas, enquanto o ente está para a existência. Essência e existência são coisas distintas, salvo em Deus em que elas se identificam perfeitamente. O conhecimento intelectual aprenderá a realidade dos entes e abstrairá a sua verdade (essência); esta é a ação própria do intelecto. Por isso, a verdade é a adequação do intelecto com a coisa, que é um ente.

São seis as partes da potência intelectual (*mens*), com as quais a *mens* concebe um conceito verdadeiro, certo e universal. A memória, a razão (superior e inferior), a inteligência em si (*intellectum*), o *intellectum* especulativo e prático (virtudes intelectuais), a sindérese e a consciência. Embora cada função seja independente e possua suas ações específicas, uma não substitui a outra, todas trabalham harmoniosamente, sendo que não há uma operação perfeita, quando ausente uma destas partes.

Recapitulando, a memória é a função da alma humana responsável por *conservar e lembrar* os fantasmas das coisas apreendidas²⁶. Sem ela não há construção de identidade e conhecimento. Para desenvolver o caráter é preciso que o indivíduo seja capaz de conservar hábitos, adquirir símbolos, por isso desenvolver a memória é fundamental para a construção do homem.

Os passos para desenvolver a memória estão na *mens*, e são os hábitos intelectuais os responsáveis: a concentração, organização de pensamento, ação e exercícios.

Há quatro coisas por meio das quais os homens podem aperfeiçoar a sua memória. Primeiro, quando um homem deseja lembrar-se de alguma coisa, deve lançar mão de representações incomuns, pois que o incomum nos chama a atenção e, portanto, produz uma impressão maior e mais forte no espírito... Assim sendo, a memória é atribuída à

²⁵ JOSAPHAT, 2012, p.307.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q.79, a.6, c

parte sensível da alma. Em segundo lugar, cumpre ao homem... Por em ordem... As coisas cuja memória pretende guardar, a fim de poder facilmente passar de um objeto lembrado a outro. Em terceiro... O interesse e inclinação para aquilo que pretende guardar na memória, pois, quanto mais uma impressão for gravada na mente, tanto menos dela se apaga. Em quarto... Meditar frequentemente, sobre as coisas que queremos memorizar²⁷.

Os exercícios são para o aperfeiçoamento das qualidades, não consistindo apenas em estimular o aluno a recitar o que acumula na memória, mas suscitar reflexão, fazer com que o aluno julgue o que é certo, e despertar nele o desejo de aumentar seus conhecimentos, atualizando seus potenciais para assim formar seu espírito na perfeição humana. “Por ato de reflexão, o hábito intelectual recém-formado, é incorporado pela memória no caráter, em vista dum fim último: a personalidade legítima e ideal”²⁸.

O relacionamento do objeto que está na memória com outro objeto é função da razão, pois uma coisa é raciocinar (razão), outra conhecer (intellectum), e outra refletir (consciência). A razão “raciocina” de duas maneiras. Quando articula os conhecimentos indemonstráveis, os primeiros princípios, trata-se da razão superior: a sabedoria. Quando articula os conhecimentos aplicados aos primeiros princípios ou sobre demonstrações das coisas temporais, diz-se razão inferior: a ciência²⁹.

Utilizando a razão para articular os objetos conhecidos, quando ele atinge seu objetivo em ato, alcança outra dimensão que não é mais raciocinar, mas o conhecer: o *intelligere*.

O *intellectum* é propriamente o ato mesmo da inteligência, que é o inteligir. De dois modos a inteligência pode manifestar-se: ordenando para fins intelectivos aquilo que conhece, intelecto especulativo; ou ordenar-se para fins operacionais daquilo que se conhece: o intelecto prático. O intelecto especulativo tende a tornar-se prático. Uma potência não se muda em outra, mas o intelecto especulativo e o prático não são potências diversas, se mudam é acidentalmente, assim sendo que o que é apreendido pelo intelecto pode ser ou não ordenado à operação.

As constantes ações do intelecto especulativo e do intelecto prático para o bem resultarão no nascimento das virtudes intelectuais, que se dividem conforme o *intellectum*. A virtude intelectual especulativa é inclinada perfeitamente para a verdade universal. A virtude intelectual prática é inclinada ao reto juízo das ações, como a

²⁷ MAYER; FITZPATRICK, 1936, p. 208.

²⁸ Ibidem p.210

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q.79, a.9, c.

prudência (reto juízo do agir), a arte (reto juízo do fazer), e a humildade (reto juízo do ter).

Firmando-se na ideia de lei natural, Tomás crê que o homem é naturalmente *ordenado à prudência* (nenhum homem consciente atravessa uma rodovia sem olhar para os dois lados), mas a perfeição da prudência, como de qualquer qualidade, inclusive a memória, inteligência, arte, temperança só é conquistada pela prática e com auxílio divino. Enquanto a prudência garante a bondade dos meios, as virtudes morais garantem a ação reta ao fim. Ora, ser virtuoso tem como base as virtudes morais e a prudência. “Duas coisas são asseguradas na obra da virtude. Uma é que o homem tenha uma intenção correta para o fim, o que a virtude moral providencia, inclinando a faculdade apetitiva para um fim próprio. A outra é dada pela prudência, a qual dá bons conselhos, julga e ordena os meios para o fim. [...] Neste sentido tanto a prudência quanto a virtude moral são imprescindíveis para a consecução da ação virtuosa.”³⁰

Tomás de Aquino explica que após este processo do intelecto prático e especulativo, donde nascem as virtudes intelectuais, ainda há uma fase que ele chama de *Sindérese*³¹, antes da consciência, designando o conhecimento natural habitual. Ação que incita o homem a fazer o bem e evitar o mal, mas que só gradualmente se desenvolve com a educação e a experiência no seio da família e da sociedade. O intelecto está para o conhecimento intelectual assim como a *sindérese* está para a prudência.

A construção do juízo de valor de um conhecimento envolve tanto os elementos intelectivos quanto os apetitivos, ela é resultado da razão, da vontade e dos desejos. Como a razão e a vontade são partes das potências intelectivas, pode-se atribuir a elas juízos de valor, pois nada resultará de um ato intelectual que não seja sem o uso da razão consciente, tornando assim todos os atos morais. A *mens* obtendo a *sindérese*, coloca o homem numa condição de escolha frente à sua consciência. Assim, a escolha dependerá de como a vontade (liberdade) é influenciada pela virtude da prudência (*sindérese*). A virtude da prudência é a aplicação dos primeiros princípios na *mens* aos casos particulares (ações, escolhas, fins) e para o fim último para o qual tende o homem pela vontade natural.

³⁰Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/filosofiamedieval/pdf/tomas_aquino.pdf acesso em: 05/09/2013

³¹ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q.79, a.12, c

Aristóteles diz que a razão serve-se de um certo silogismo quando julga o que se deve fazer ou o que se deve evitar. No silogismo é tríplice a consideração, conforme três proposições: a partir de duas uma terceira é concluída[...] a razão no que é matéria de operação a partir dos princípios universais, pronuncia um julgamento a respeito do particular. Porque os princípios universais do direito pertencem à *sindérese*, as razões mais apropriadas à obra pertencem aos hábitos, pelos quais se distinguem a razão superior e a inferior. A *sindérese*, neste silogismo fornece a premissa maior, cuja consideração é o ato da *sindérese*; a razão superior ou inferior fornece a premissa menor, cuja consideração é seu próprio ato; mas a consideração da conclusão eliciada do que se deve fazer é a consideração da consciência. Por exemplo, a *sindérese* propõe o seguinte: “todo mal deve ser evitado”; a razão superior considera a proposição: “o adultério é mau, porque é proibido pela lei de Deus”; ou a razão inferior consideraria tal proposição: “porque o adultério é mau, porque é injusto ou desonesto; a conclusão, por outro lado, que é “este adultério deve ser evitado”, pertence à consciência, indiferentemente, quer se trate do presente, do passado, ou do futuro. Porque a consciência murmura sobre o que foi feito e contradiz o que se está para ser feito [...] Mais ainda: por causa disso se diz que ela é sentença ou ditame da razão; também, por causa disso, acontece de a consciência errar, não por causa do erro da *sindérese*, mas por causa do erro da razão, como é evidente no caso do herege, ao qual a consciência dita que é preferível morrer queimado do que jurar, porque a razão superior está desordenada por crer que o juramento é pura e simplesmente proibido³².

Por fim a consciência é a responsável pelo juízo das ações concretas e a relação do conhecimento com alguma coisa em ato, e não em potência. A consciência afirma, impõe, estimula ou ainda denuncia, nega ou adverte, mas tudo isso resulta do processo anterior, que lhe oferecerá premissas para aplicar um julgamento de valor a alguma coisa³³. Enquanto o juízo de consciência pertence à *mens*, a decisão última de um ato voluntário entra no domínio da vontade. Por isto a importância do educador formar o juízo e a vontade do educando.

Apetite intelectual

Sabemos que o caráter é formado de numerosos elementos fisiológicos e psicológicos, entre os quais a vontade desempenha o principal papel – e que o caráter é suscetível de ser modificado, e mesmo transformado, por um esforço metódico e perseverante. Dever de cada um é, pois, esforçar-se por corrigir seus defeitos de caráter e, em geral, adquirir essa igualdade de humor, essa paciência e amenidade que são sinal de um ‘bom caráter’. Acima de tudo, é preciso procurar ter “caráter”. Neste sentido, o “caráter” nada tem de

³² ALBERTUNI, Carlos Alberto. O conceito de *Sindérese* na moral de Tomás de Aquino. 2006. p.143

³³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica I*, q.79, a.13, c

comum com a obstinação nem com as extravagâncias e os caprichos do momento, mas define a firmeza raciocinada e a lúcida energia do querer³⁴.

O apetecer, ter vontade, representa um dos grandes aspectos da vida psíquica do homem. Por apetite entende-se a inclinação natural da alma humana, para aquilo que lhe é natural³⁵. Existem dois apetites: o intelectual, que tem como sujeito a alma (vontade), e o sensitivo que tem como sujeito o composto corpo e alma racional (concupiscível e irascível). Ambos são de diferentes potências, mas são comuns em serem potências passivas, ou seja, são movidas pelo objeto apreendido.

O apetite intelectual é superior ao apetite sensitivo³⁶, mas inferior a *mens*, cujo objeto deste é mais nobre e é a causa do que a vontade apetece, mas isso não significa que a vontade não possa mover o intelecto, já que o objeto próprio da vontade é o bem, causa formal da potência intelectual e sensitiva.

O ato voluntário designa a opção livre do homem movido pela vontade, que almeja alguma coisa de maneira necessária e a torna em ato. Para existir o ato voluntário exige-se a premissa da liberdade, o livre arbítrio.

Ora, senhor das suas ações o homem o é pela razão e pela vontade, sendo por isso o livre arbítrio chamado a faculdade da vontade e da razão. Portanto, chamam-se ações propriamente humanas as procedentes da vontade deliberada, e se há outras que convêm ao homem, essas podem, por certo, chamar-se ações do homem, mas não propriamente humanas, pois não procedem dele como tal³⁷.

O livre arbítrio é uma potência do intelecto e do apetite, que permite ao homem julgar os objetos do apetite intelectual e sensitivo, segundo o seu conhecimento. A vontade está para o livre-arbítrio, que nada mais é do que a faculdade de escolher³⁸.

Assim, o intelecto tem por um lado a potência de raciocinar (razão), enquanto vai de um conhecimento a outro e, por outro lado, tem a potência de querer (vontade), enquanto isso é um simples desejo e tem a potência de eleger (liberdade), enquanto deseja alguma coisa por causa de outra que se quer conseguir (SThI,q83,a4,c). Para o Aquinate, a educação do intelecto para a verdade passa pela educação

³⁴JOLIVET, 1966, p.238.

³⁵ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, q.80, a.1, c.

³⁶Ibidem q.82, a.5, c.

³⁷ Ibidem I-II, q.1, a.1.

³⁸ Ibidem q.83, a.4, c.

da liberdade, para a qual não há outro fundamento que a educação moral³⁹.

Processo da faculdade sensitiva

São Tomás escreve que Aristóteles ensina que há três realidades na alma: potência, hábito e paixão⁴⁰. “O hábito é de certa forma, muito semelhante à natureza, pois ‘frequentemente’ e ‘sempre’ são próximos: a natureza é daquilo que é sempre; o hábito é daquilo que é frequentemente⁴¹”.

Os hábitos são adquiridos através dos comportamentos contínuos como escovar os dentes após as refeições ou organizar o quarto após o acordar, todavia o indivíduo pode ainda escolher se vai ou não realizá-los. Diferente do ato de comer, dormir ou respirar que não se trata de um hábito, mas trata-se de algo da natureza humana. Assim o ato de comer e dormir são da natureza humana (apetite natural), mas comer e dormir demasiadamente já estão na esfera dos hábitos (apetite da vontade). Qualquer adjetivo que se aplique a um apetite natural é fruto dos hábitos adquiridos pela vontade, que é, ou deveria ser pautada pela razão.

Sendo cada pessoa única (princípio da individualização), cada um possui a sua potência de adquirir tais hábitos virtuosos ou defeituosos segundo suas condições biofísicas e propósitos. Tomás diz: “O hábito difere da potência porque não nos capacita a fazer alguma coisa, mas tornamos hábeis ou inábeis para agir bem ou mal⁴²”. Ou seja, a causa principal que nos torna homens nobres não é a potência que temos de ser virtuosos, mas os hábitos que fazemos e adquirimos.

Ora, o caráter não é uma paixão, porque a paixão passa logo e o caráter é indelével... Tampouco é um hábito, porque não existe hábito que seja indeterminado para o bem ou para o mal; mas o caráter é indeterminado, pois alguns usam bem, outros mal, o que não acontece com os hábitos, já que ninguém faz mau uso do hábito virtuoso, nem bom uso do hábito vicioso. Logo, resta que o caráter seja uma potência⁴³.

³⁹Disponível em:

http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1344:a-pedagogia-tomista&catid=115:tomismo&Itemid=472 acesso em: 31-01-13

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, q.63, a.2.

⁴¹ ARISTÓTELES, *Ret*, I,11,1370^a 7. Apud ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ªed. São Paulo: Martins Fontes. 2007 p.575. (hábito)

⁴² TOMÁS DE AQUINO, *Suma Contra os gentios* IV,77. Apud ABBAGNANO, 2007, p.577 (hábito)

⁴³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, q.63, a.2.

Como relatado anteriormente, o homem é um ser que pode ser educado, pois é um ser em construção, tem potência de ser cada vez melhor. À educação cabe por finalidade aperfeiçoar o indivíduo, tanto na sua dimensão física, psicológica, moral, intelectual, social, afetiva e espiritual, até torná-lo homem. Não basta entendermos que podemos ser bons, é preciso ser bom. É necessário que a educação desperte comportamentos, que gere bons hábitos, e assim o menino conhecendo o bem, queira ser do bem.

A potência apetitiva sensitiva é uma força poderosa da natureza humana, que pode ser usada em harmonia ou em desordem. Podemos conhecer o bem, mas podemos optar em fazer coisas más.

Os apetites sensitivos são dois, o concupiscível (caracterizado pelo movimento que se pauta na busca do bem sensível e na aversão ao mal sensível) e o irascível (caracterizado por um movimento mais violento, seja para conseguir um bem difícil de conseguir ou para evitar um mal difícil de evitar). Ambos obedecem à razão e à vontade. O movimento dado pela imaginação dos apetites sensíveis, tanto para o bem quanto para o mal, é denominado paixões⁴⁴.

A alma humana, como já dissemos, possui três dimensões: a *intelectiva* (razão que se ordena à verdade. Vontade que se ordena ao bem), a *sensitiva* (concupiscência que move a alma para a busca de bens sensíveis e evita os males sensíveis. O irascível que move a alma para a busca de bens sensíveis difíceis de conseguir e a movimenta para evitar os males sensíveis difíceis de evitar) e a *vegetativa* (move a alma na consecução de suas funções inferiores, como o crescimento do corpo).

A potência sensitiva produz a sensação nos órgãos dos sentidos. Tais sensações, quando recebidas na alma, despertam pela imaginação certos movimentos que vão desde o desejo da posse de um bem sensível à aversão de um mal sensível. As paixões são disposições que devem favorecer a inclinação do homem ao bem de sua natureza e ao fim último a que se inclina, mediante os bens que a vida lhe dispõe. Assim sendo, podem influenciar o rumo da formação do caráter de tal modo que, sendo as paixões muito intensas, podem anular a capacidade de livre arbítrio do homem.

Dois meios são oferecidos ao homem para fazer um ato livre: a *especificação*, quando ele tem o poder de escolher entre este ou aquele caminho, ou por liberdade de *exercício* quando temos apenas um caminho a tomar e optamos em aceitá-

⁴⁴ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I-II, q.22, a.3

lo ou não. Ambas liberdades asseguram o livre arbítrio, pois sem o livre-arbítrio o homem não teria méritos, e nem deméritos

Quando o homem adere à influência das paixões para agir, e esquece-se de se guiar pelo juízo da razão (consciência), pode este homem diminuir a sua dignidade de *liberdade*.

É por um juízo de razão que os homens agem e se movem; com efeito, eles deliberam sobre aquilo que se deve fazer, mas é por um juízo de natureza que todos os animais agem e se movem, o que aparece manifestamente, seja pelo fato de que todos aqueles que são da mesma espécie agem da mesma maneira, assim como todas as andorinhas fazem seu ninho do mesmo modo... assim os animais não julgam segundo um juízo próprio, mas ao se conformar pelo juízo que foi inscrito em sua natureza por Deus. O homem, por sua vez, que, pelo poder da razão julga o que convém fazer, é assim capaz de julgar por si mesmo, à medida que conhece a “razão” do fim e do meio, bem como a relação e a ordem entre ambos. Portanto, ele não é somente causa de si por seu movimento, mas também por seu juízo. Portanto, ele é dotado de livre-arbítrio, o que significa dizer que tem livre juízo sobre aquilo que lhe convém fazer ou não fazer⁴⁵.

Não seria verdadeira liberdade para o homem aquela que se assemelha com os animais: a escolha, a partir das paixões. A verdadeira liberdade consiste para Tomás em ser verdadeiramente racional, dirigindo a si pela consciência ao Fim último, evitando qualquer obstáculo que o desvie deste Fim. A liberdade em escolher não é um fim, mas é o meio pelo qual se chega ao Fim último. É a máxima nobreza do homem saber usar desta liberdade para alcançar tal objetivo, guiar sua vontade e a sua razão para a conquista da beatitude, o destino natural a que está ordenado todo homem pelo seu Criador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação para Tomás de Aquino é muito mais do que o senso comum nos apresenta. Nós, inseridos numa sociedade onde a educação é confiada demasiadamente às instituições escolares, delimitamos e muito, o sentido real da Educação. Esta em seu real sentido ultrapassa a formação de profissionais qualificados, e possibilita o construto para uma formação integral do Homem. Ora, o modelo identificado na contemporaneidade visa de modo aviltantemente três metas: alcançar

⁴⁵ GARDEIL, 2013. p 274 e 275.

um índice satisfatório no IDEB, formar mão de obra para o mercado capitalista, e produzir consumidores que sustentam tal sistema.

A concepção tomista não visa apenas que o homem torne-se sujeito a partir de suas relações no trabalho, mas visa também a pessoa que é corpórea, dotada de uma vida. Concebe-se o homem como um ser pensante, com vontades, possuidor de uma linguagem, cultura, um ser que é ainda espiritual, religioso. O ensinar, que geralmente conhecemos, é uma pequena parte de um conjunto complexo e mais abrangente do que seja o educar de fato, para Tomás de Aquino.

Embora o ensinar seja importante na educação, a mesma não se fecha ao ensinar. O educando, sendo imaturo, necessita de um educador que o amadureça para a vida e o ensine a caminhar por conta própria. Educação para Tomás de Aquino exige vínculo, relacionamento, afeto. Sem um compromisso sério da parte do educador para com o aluno, a educação poderá ser falha. Na cultura atual é frequente a inconstância dos professores nas escolas por diversos fatores, desde a má valorização pelo salário, às más condições de trabalho.

Se o professor atual for convicto de que é correto aceitar cada proposta que lhe convém, transferindo-se assim de escola em escola, nossos alunos não criarão vínculos com os professores, dificultando um relacionamento sólido e necessário para o aprendizado integral. É preciso selar um compromisso sério da parte dos educadores com os educandos, ao ponto de se sacrificarem por amor à educação, pois se não o fizerem, os educandos não terão em quem confiar suas dúvidas, perguntas, inquietações, e a confiança sabemos que é conquistada com o tempo e empatia. O professor é chamado a viver uma vocação, e não a um mero profissionalismo apático.

Além deste vínculo necessário para a educação integral, também sabemos que o agente ativo na formação do sujeito é o próprio sujeito. O educador apenas assiste e instrui o caminho a ser seguido pelo educando. Caminho este que, segundo Tomás, deve levar o educando à plena felicidade, à “beatitude”. Saber equilibrar o dinamismo que existe no homem entre alma e corpo é fundamental para que não se cometam equívocos e tal fim último não seja desviado do objetivo da educação.

Como o sujeito ativo da educação é o próprio educando, cria-se uma problemática, pois o educador não pode fazer muita coisa, já que parte do educando o quer ou não o caminho proposto. O educando é dotado de livre-arbítrio e tal valor deve ser respeitado pelos educadores. Tomás de Aquino, entretanto, propõe uma

educação do caráter que deve ser desenvolvida pelos educadores nos educandos ensinando-os a desejarem o que é o correto.

O correto para Tomás de Aquino é julgado pela consciência que, conhecendo as coisas pelo mundo sensível, e utilizando-se das várias funções da *mens*, atribuirá um juízo de valor sobre as coisas. Instigar o conhecimento desde a infância é uma das sugestões que intuímos ser saudável para a formação integral do educando, pois, conhecendo o mundo à sua volta, possibilitar-lhe-á articular os conceitos apreendidos e formular soluções. (Formação do cientista)

Sendo o homem capaz de apreender pelos sentidos, é necessário que o educador conheça o processo como o educando abstrai tais objetos do mundo sensível, e também ensine o educando a maximizar todos os seus sentidos em busca daquilo que mais se aproxima do fim último (Formação do Artista). Tal capacidade de refletir e buscar o que é verdadeiro, só será aperfeiçoada com exercícios e reflexão e tais exercícios são nada mais do que o objeto da matéria do filósofo (Formação do Filósofo).

Como dito, o agente ativo é o educando, e de nada valerá todos estes conceitos ao educador se o aluno não tiver com vontade de se aperfeiçoar. Daí, a necessidade de compreender como é construído no sujeito o apetite, fundamental para que o educando tenha o ânimo em querer o bem. Formar esta vontade para o bem consiste na Formação do Santo, que guia sua vontade pela razão para atingir o fim último.

Enfim, a harmonia entre o cientista, o artista, o filósofo e o santo, refletida a partir do pensamento de Tomás de Aquino, é a proposta desde trabalho para a educação do mundo atual. Em suma: significa que devemos estimular os educandos a superarem o desinteresse pelo conhecimento e ensiná-los o verdadeiro significado do que é o estudo. Que saber é saborear. Palavras próximas, fenômeno da linguagem que Tomás de Aquino ficou atento e que possibilitou extrair da língua latina este conceito importante, pois se existe alguém que saiba algo de fato, é porque verdadeiramente aprendeu a saborear o conhecimento.

Devemos estimular os educandos à descoberta do novo, a saborear coisas novas, a buscar a felicidade no prazer em saber guiar a liberdade plenamente para Aquele que é a causa primeira de tudo.

No que diz respeito aos educadores, que se tornem conscientes da importância da formação integral e de seu dever de concorrer, positivamente (e não deixá-la ao acaso), para a formação do caráter, num correto encaminhamento das

paixões dos seus educandos, que pode vir a ocorrer de forma muito válida mediante os estudos, quando este visto como amor, devoção e afeição ao conhecimento. Assim consiste na missão dos educadores: educar integralmente o educando e ensiná-los como estudar, que é o aplicar-se (vontade) ao conhecimento amorosamente (paixão).

ABSTRACT

A full education is essential to the formation of wise people and a more scholarly society. Educators are important for the formation of future generations, but Thomas Aquinas teaches us who the protagonist of this history of humanity is the learner: active subject of the education, and endowed with free will. Aquinas emphasizes the idea that each person has a character, which should be shaped by education, for the pursuit of supreme happiness, the bliss. This challenge is faced today by educators who deal with the rapid change of inversion of values and customs. Deeply knowing the man and their dimensions to best help them, the ultimate end, and the process of learning to form a character is the main object, that the reader will come across when reading this work from the perspective of Thomas Aquinas.

Key words: Thomas Aquinas – Education – Character – Pedagogy - Bliss

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. *De Magistro*. Petrópolis: Vozes, 2009. (Coleção Textos fundamentais de educação).
- ALBERTUNI, Carlos Alberto. *O conceito de Sindérese na moral de Tomás de Aquino*. 2006.
- AMEAL, João. *São Tomaz de Aquino: Iniciação ao estudo da sua figura e da sua obra*. 1ªVolume: Filosofia e Religião. 3.ed.. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.
- COSTA, José Silveira. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. 4.ed. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção logos)
- CORTELLA, Mario Sergio; TAILLE, Yves de La. *Nos labirintos da moral*. 5.ed. Campinas: Papirus 7 mares, 2009.
- DE BONI, Luis Alberto. *Filosofia Medieval: Textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: psicologia, metafísica*. 2ªed.- São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Filosofia Medieval)
- GOLDING, Willian Gerald. *Il SignoredelleMosche*. Italia: Oscar Mondadori. 2009. (ClassiciModerni)

- HYPNOS. Da Alma. *Revista do Centro de estudos da antiguidade*. PUC-SP. Ano 10 – 1ºsem. São Paulo: EDUC; Loyola; Thiam, 2005.
- JOLIVET, Régis. *Tratado de filosofia:Moral*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.
- JOSAPHAT, Frei Carlos. *Paradigma teológico de Tomás de Aquino: sabedoria e arte de questionar, verificar, debater e dialogar: chaves de leitura da Suma de teologia*. São Paulo: Paulus, 2012. – (Coleção Dialogar)
- KOUROUMA, Ahmadou. *Alá e as crianças-soldados*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Latitude)
- LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos:uma antropologia essencial*. 18.ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2011.
- LOUAND, Luiz Jean. *Cultura e Educação na Idade Média: textos do século V ao XIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos)
- MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edw. A. *Filosofia da Educação de Sto. Tomás de Aquino*. (Adap.) Maria Ignêz de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon, 1936.
- MODESTI, João. *Uma Pedagogia Perene*. 2.ed. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984. (Coleção Pedagogia viva).
- REALE, Giovanni. *Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1994.
- RIBOULET, L. *História da Pedagogia*. Tradução: Justino Mendes. 1ºVolume. São Paulo: Editora F.T.D, 1951
- SOUZA, Nivaldo. *A pedagogia de Santo Tomás e a Filosofia para crianças de Matthew Lipman*. Roma, 1995.
- TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*. Trad. Alexandre Correia. São Paulo: Indústria Gráfica Siqueira, 1948.
- _____. Do governo dos príncipes. *Apud* COSTA, José Silveira. *Tomás de Aquino: a razão a serviço da fé*. 4.ed. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção logos).
- _____. Do governo dos príncipes, *Apud* <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/a-antropologia-tomista.php> Acesso em: 05/03/2013.
- _____. Contra os Gentio. *Apud* GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: psicologia, metafísica*. 2ªed.- São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Filosofia Medieval)
- _____. De magistro. *Apud* *Sobre o mestre* (Questões Discutidas sobre a Verdade, XI). Trad. Maurílio J.O. Camello. São Paulo: UNISAL, 2000.
- _____. *Questões discutidas sobre a verdade: questão X – sobre a mente*. Trad. Maurílio J.O. Camello. Uberlândia: EDUFU, 2012.